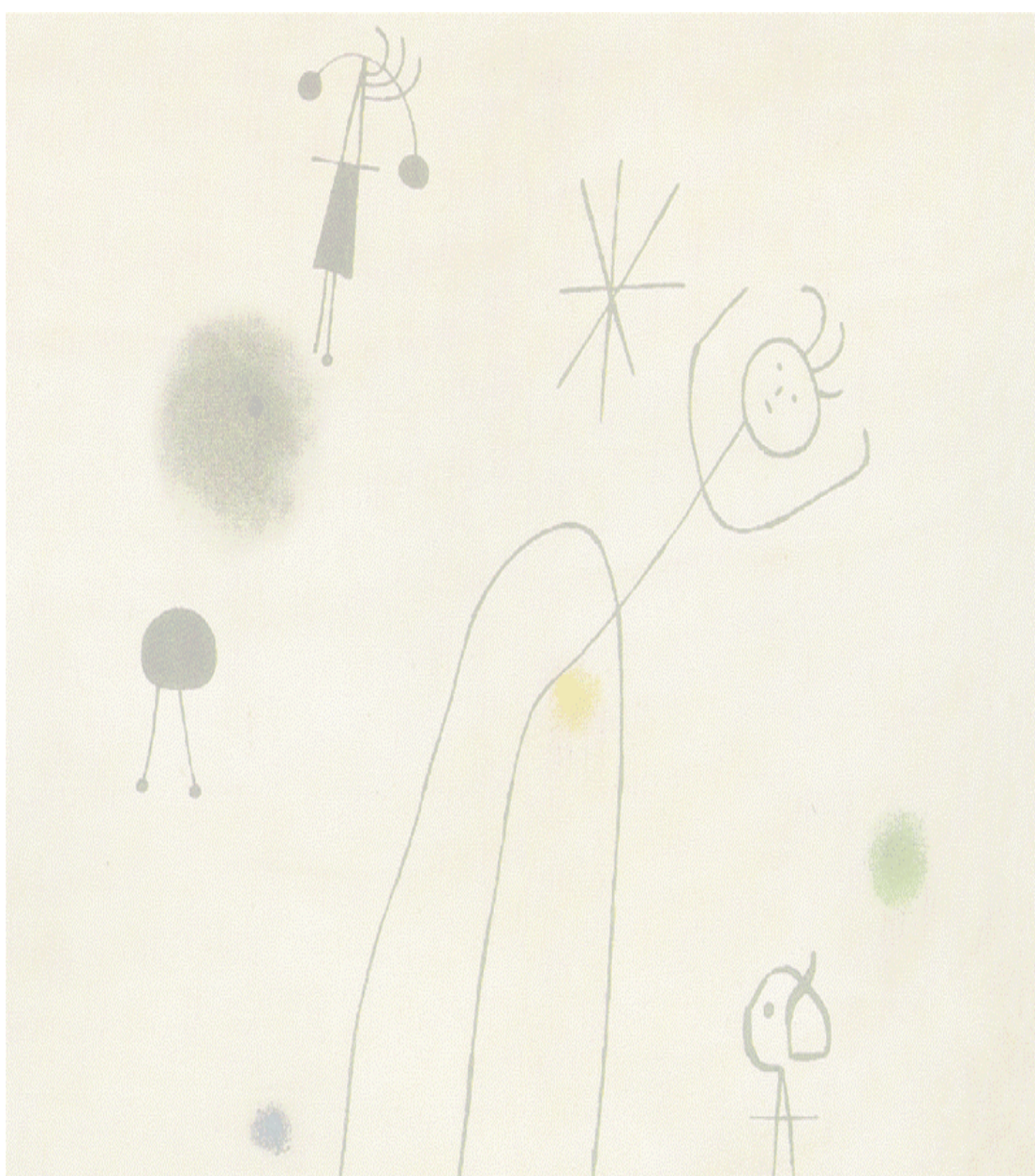


DANÇA

ORIENTAÇÕES CURRICULARES

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO



DOCUMENTO EXPERIMENTAL

ÍNDICE

Introdução	2
A Dança no 3º ciclo do ensino básico.....	2
O papel dos professores	4
O papel dos pais	4
O papel dos alunos	5
Orientações curriculares específicas	6
Competências específicas para o 7º ano	7
Os elementos da Dança	7
Níveis de desempenho	8
Tipos de situações educativas	11
Competências específicas para o 8º ano	13
A experiência interdisciplinar	13
Níveis de desempenho	14
Tipos de situações educativas	16
Competências específicas para o 9º ano	17
Uma cultura de Dança	17
Níveis de desempenho	20
Tipos de situações educativas	22
A aula de Dança	23
Bibliografia	24
Apêndice	25

INTRODUÇÃO

A DANÇA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Sabendo que tudo o que se prende com a dança está e emana do CORPO, iremos propor neste documento, orientações curriculares assentes no modelo anglo-saxónico a partir da obra de Rudolf Laban sobre Dança Educacional.

Nesta perspectiva, a especificidade da matéria da Dança consiste no estudo do movimento transportado para a dimensão artística que deverá ser vivenciado pelo aluno de forma forte e profunda.

Assim, as orientações curriculares para esta área de estudo, serão aqui propostas através de quatro grandes temas referenciais. Estes, constituem-se como a base para um conhecimento globalizante sobre o movimento humano, as suas potencialidades e os seus limites, pensando que se quer chegar a uma ideia de dança contemporânea de aprendizagem rigorosa e clara, mas também acessível a todos.

O aluno competente em dança no final do 3º ciclo, deverá saber, reconhecer e analisar estes quatro temas fundamentais para poder produzir na prática soluções coreográficas e criativas conducentes a um discurso coreográfico próprio, enraizado num conhecimento interdisciplinar e também sobre o mundo. São eles:

1. O CORPO – O QUÊ? Que movimentos pode o corpo fazer?
2. O ESPAÇO – ONDE? Onde pode o corpo dançar?
3. A ENERGIA – COMO? Que modos, qualidades, tempos ou dinâmicas pode o corpo descobrir e assumir?
4. A RELAÇÃO – COM QUEM, COM QUÊ E EM QUE AMBIÊNCIA? Como é que o corpo se relaciona consigo próprio quando dança sozinho, como se relaciona com o corpo ou corpos de outros, quando dança em grupo? Como também se pode relacionar com coisas e objectos? Como se deixa influenciar por ambientes diversos? Será que estes introduzem outros modos de relação com o seu corpo e consigo próprio?

É a partir deste esqueleto curricular (CORPO – ESPAÇO – ENERGIA – RELAÇÃO) que poderemos desenhar uma orientação de prática de ensino detalhada para o 3º ciclo.

Os quatro elementos serão abordados respectivamente e repetidamente nos 7º, 8º e 9º anos, numa aprendizagem de sedimentação e jogo de relações progressivamente mais elaboradas e complexas.

Sempre que a Dança acontece, o CORPO move-se num ESPAÇO, num tempo ENERGÉTICO e num jogo de RELAÇÕES múltiplas.

É na transversalidade destes quatro temas assumindo uma ligação e contaminação com outras áreas do saber e do currículo que toda uma experiência pedagógica e artística toma lugar ao longo de todo o ciclo.

Muita da dança que se produz hoje, já não está assente numa linguagem pura de movimentos. Evidencia-se como uma confluência de matérias e áreas, que a levam para longe das suas próprias fronteiras numa atitude de questionamento, pesquisa e inquietação por parte daqueles que a inventam.

Esta condição que caracteriza a dança do tempo em que vivemos, poderá servir de metáfora a um ensino no nosso país, também ele colocado face aos mistérios e intrigas do mundo contemporâneo, porventura também o mundo de sempre.

Sendo o objectivo principal desta proposta, analisar como a arte, neste caso a dança, pode intervir na formação mais profunda dos alunos e como o contacto com o “mistério da dança” será um valor acrescentado na educação geral, todos os alunos deveriam ter a oportunidade de se confrontar e familiarizar com o modo mais fundamental da expressão humana – o seu próprio movimento.

Uma das características particulares do fenómeno da dança, é o facto de o criador não se separar do seu objecto de criação, ele é um e o mesmo. Criar e interpretar, acontecem no mesmo lugar, no **CORPO**. Este facto proporciona um contacto e um conhecimento sobre si mesmo que mais nenhuma arte oferece. Através do uso da comunicação não verbal, os alunos poderão participar num veículo de expressão que não aparece de forma tão total, em mais nenhuma área de aprendizagem do currículo e que dá um contributo importante para a sua educação estética, cultural, conferindo oportunidades de desenvolver formas de pensamento e expressão pessoais, e introduzindo-os ainda ao rico património que a dança, enquanto forma teatral, tem desenvolvido ao longo da sua própria história.

Quanto às áreas de aprendizagem e experimentação inspiradas no “Dance as Art Model” implementadas no sistema educativo geral do Reino Unido, elas deverão centrar-se em três grandes eixos fundamentais:

1. o fazer – **INTERPRETAR** (a experiência de dançar, o trabalho técnico e expressivo)
2. o criar – **COMPOR** (a experiência de coreografar, o trabalho da imaginação e da invenção)
3. o analisar –**APRECIAR** (a experiência de sentir, pensar e intervir elaborando um discurso inicialmente oral, posteriormente escrito)

As lições de Dança, que ao longo deste percurso deveriam idealmente acontecer duas vezes na semana (90 minutos de duração), devem ajudar os alunos a desenvolver as seguintes capacidades:

- Saber usar os seus corpos eficaz e criativamente;
- Desenvolver a criatividade e a imaginação cinéticas;
- Usar movimento expressivo como meio de comunicação;

- Ter uma consciência e sensibilidade em relação aos outros;
- Saber analisar a forma e a qualidade do movimento;
- Desenvolver uma compreensão estética através da criação de pequenas danças e da apreciação de obras coreográficas apropriadas às suas idades;
- Aprofundar a sua educação musical, plástica e dramática;
- Saber que a matéria da Dança está também ligada a outras áreas do currículo.

Quanto aos intervenientes centrais de toda esta operação, os professores, os alunos e os pais, eis uma proposta relativa aos seus papéis e responsabilidades:

O papel dos PROFESSORES

Os professores são responsáveis por implementar ou, melhor, saber “inventar” um ensino que transporte os seus alunos para os territórios do envolvimento, motivação, entusiasmo, curiosidade, sentido de humor, espírito crítico e se possível da elevação. As artes proporcionam essa possibilidade: os seus conteúdos encantam e intrigam, tocam a magia das coisas. Um bom professor poderá levar os seus alunos à experiência estética, ensinando-lhes assim a beleza e o mistério das artes.

A dimensão ética e moral do processo educativo prende-se com uma qualidade afectiva e um sentido de comunidade que o professor deverá instalar no seio da sua classe. É da sua responsabilidade criar atmosferas de trabalho em que o aluno individual se sinta respeitado, confiante e seguro para contribuir e desafiar as suas próprias capacidades.

O bom ensino é sobre uma boa observação, sentir o que é necessário fazer para que os alunos respondam e participem livre e naturalmente. A posse de competências, a motivação de todos e a relevância da matéria, são muito importantes mas não são tudo.

A influência do professor no fenómeno da aprendizagem é enorme e deve ser construída a partir da empatia e da qualidade afectiva. O relacionamento interpessoal e de grupo, que a matéria da Dança proporciona naturalmente, são veículos fortes para a formação humana dos alunos. A Dança ajuda a desenvolver as capacidades interventivas e inventivas dos alunos através de conhecimentos rigorosos sobre as capacidades do corpo, assim como um sentido criativo e analítico que conduz ao sentido de autonomia e presença. É da responsabilidade do professor aproximar fluidamente os seus alunos uns dos outros e a estes aspectos fundamentais.

O papel dos PAIS

Está provado que o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos traz proveitos à *performance* e à felicidade escolar dos alunos. O apoio dos pais, através de um conhecimento do currículo não só em termos de conteúdos e métodos mas também das expectativas que este envolve, encoraja os filhos e ajuda-os a desenvolver uma

atitude positiva face àquilo que aprendem, assim como às questões que se colocam nessa mesma aprendizagem. Os pais podem discutir com os seus filhos o que estes fazem e aprendem na escola e podem, assim, através de um contacto regular com os professores, reconhecer o seu esforço e desempenho, como podem ir mais longe, podem tornar-se seus interlocutores activos e criativos levando-os a descobrir mais sobre as matérias. Sendo esta também uma oportunidade de aprendizagem e enriquecimento para os próprios pais na sua relação com os filhos. No caso da dança, poderão levá-los a ver espectáculos, ir ao cinema, a exposições e participar com eles numa vida cultural que interessa e intriga ambos.

O papel dos ALUNOS

É importante que os alunos se sintam responsabilizados de uma forma estimulante pela sua presença e participação na escola. A sua motivação e envolvimento são elementos chave para um ensino rico e desafiante. Não cabe só ao professor apresentar matérias interessantes e adequadas, cabe aos alunos perceber que são necessários, mesmo essenciais para que as “transacções” entre professor e alunos sejam carregadas de experiências vivas de ensinar e aprender. Deverão sentir que a escola sem a sua participação deixa de fazer sentido, que é o lugar privilegiado de espreitar em segurança o mundo, que eles começam a desvendar e com o qual muito rapidamente começarão a interagir.

Será também importante que os alunos compreendam a dinâmica entre esforço e aplicação e os seus resultados subsequentes: o prazer de saber, de concretizar e a sensação boa que é sentir que se realizou um trabalho de qualidade que os encaminha para a autonomia e capacidade de agir.

Os desafios que a aprendizagem contém, devem ser vistos pelos alunos como estimulantes e não como paralisantes.

Os alunos deverão compreender que a sua evolução e progresso na escola, os leva a utilizar e desenvolver o que acontece na escola e fora dela, isto é, compreender que o saber está na vida e não só entre as paredes da sala de aula, que é um bem à sua disposição para estar em contacto mais intenso com o mundo.

Esta responsabilidade e consciência vão aumentando à medida que os alunos crescem e avançam no seu caminho de vivências através da vida escolar.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES ESPECÍFICAS

Os grandes objetivos para o 7º, 8º e 9º anos:

1. Promover a compreensão da Dança enquanto forma de Arte
2. Desenvolver experiências e capacidades nas áreas da interpretação (agir, dançar) e da composição (imaginar, coreografar)
3. Desenvolver capacidades de análise e apreciação da Dança através da observação e discussão de materiais coreográficos dentro e fora da escola

Objectivos específicos para o 7º ano:

OS ELEMENTOS DA DANÇA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Quando o **CORPO** (1) se move, este usa o **ESPAÇO** (2), usa **ENERGIA** (3) e promove uma **RELAÇÃO** (4) consigo, com os outros, com objectos e ambientes.

(1) Sobre O **CORPO**

O conhecimento do **MAPA do CORPO** envolve uma consciência do próprio **CORPO** e o dos outros. Desenvolve a concentração e a noção das potencialidades corporais e como o controlo deste conhecimento é constituído. Este tipo de conhecimento experiencial proporciona o acesso a elementos chave que antecipam as actividades de exploração cinética futuras.

(2) Sobre O **ESPAÇO**

Mesmo quando não nos movemos, o corpo produz uma postura, uma forma, uma presença no espaço. Quando se movimenta, o corpo indica sempre uma direcção, um foco, um volume, um lugar, um caminho. Existe (segundo Laban) – **o espaço pessoal** - que nos pertence dentro do limite da nossa movimentação num dado lugar, e - **o espaço geral** -, que vive fora das fronteiras do corpo e se dirige em todas direcções, limitado somente pelos contornos do espaço em que nos encontramos. Existem também os níveis do movimento assim como um vasto grupo de pontos, padrões direccionais e volumétricos a explorar. O **ESPAÇO** foi estudado por Laban numa relação estreita com a Geometria, assim como a Cristalografia. Nos 8º. e 9º. anos, correlações disciplinares serão possíveis entre dança e geometria no espaço, áreas das ciências naturais, nomeadamente o estudo da formação dos cristais, entre muitas outras possíveis de encontrar .

(3) Sobre a **ENERGIA**

Todos os movimentos podem ser alterados e enriquecidos com mudanças de energia. Podem ser movimentos cortantes, suaves, fortes ou leves, tensos ou soltos. Podem fluir livremente ou estar em equilíbrios vários. Podem ser directos ou cheios de contornos e torções. A energia do movimento é como o sal e a pimenta, dá-nos o sabor do movimento. Envolve factores de tempo, peso, espaço e fluidez que conferem ao movimento as suas qualidades.

(4) Sobre a **RELAÇÃO**

Este factor dá-nos a possibilidade de relacionar diferentes partes do corpo umas com as outras, assim como relacionar o nosso corpo com o dos outros e com outras coisas que põem em equação um conjunto interessante de possibilidades: a criação de solos, duos, trios, pequenos grupos, pequenas danças com objectos e ambientes.

NÍVEIS DE DESEMPENHO

No final do 7.º ano os alunos deverão ser capazes de:

(1) Sobre o **CORPO**

Reconhecer o seu **MAPA** – entrar em verdadeiro contacto com a fisicalidade do movimento:

As partes exteriores do **CORPO**: cabeça, cara, olhos, maxilares, músculos faciais, pescoço, braços, cotovelos, pulsos, mãos, dedos, peito, abdómen, diafragma, costelas, omoplatas, barriga, cintura, pélvis, ancas, parte superior e inferior da coluna, zona lombar, costas – a zona invisível, pernas, joelhos, tornozelos, calcanhares, pés e dedos.

As partes interiores do **CORPO**: o coração, os pulmões, os músculos, os ossos, as articulações.

Possibilidades de movimento do **CORPO** como um todo: alongar, dobrar, torcer, inclinar, circular, levantar, sentar, cair, baloiçar, tremer, empurrar, puxar, ...
Actividades de locomoção como andar, correr, saltitar, saltar, galopar, girar, deslizar, rastejar, ...
Actividades gestuais para os braços e pernas (segundo Laban, o gesto é todo o movimento que não se ocupa do seu suporte), actividades de transposição de peso para quase todas as partes do corpo, experiências de quietude. A ideia central deste trabalho de descoberta, sistematização e vivência de um vocabulário de movimento, é a de deixar os alunos descobrir, quer a funcionalidade e a eficácia do corpo, quer como a poesia e os sentidos que este pode produzir.

(2) Sobre o **ESPAÇO**

Destriçar as direcções do movimento (frente, trás, lados, diagonais). Os níveis do movimento (baixo, médio, alto). O espaço pessoal e o espaço geral (perto e longe do corpo, na direcção do corpo e na direcção do espaço, a partir do corpo, a partir do espaço). Os padrões espaciais (o ar, o chão, formas do corpo, desenhos de grupo). Os caminhos do movimento (direito, curvo e contra curvo, angular, zigzag, circular).

Tudo isto a partir da consciência de que o corpo se move num jogo que articula uma ou mais partes em sistemas de conexões permanentes.

Princípios de movimento simétrico: quando um eixo central – a coluna – divide igualmente uma postura ou um movimento e a sua energia para ambos os lados; e de movimento assimétrico, quando há um desnível ou acentuação de energia numa dada parte do corpo que a fortifica em relação às outras, dando ao movimento uma qualidade dinâmica e de desequilíbrio (uma das chaves para que a dança aconteça).

(3) Sobre a **ENERGIA**

Reconhecer os factores energéticos ou qualitativos do movimento que lhe conferem o seu sabor expressivo, as suas tonalidades sensíveis, a sua cor, vivacidade, o que vai entre a sua luz e sua obscuridade:

1. A **FLUÊNCIA** do movimento pode ser livre ou controlada. Isto é, podemos saber onde e como iniciar o movimento mas não determinar o seu desfecho. Esta é a qualidade de fluência livre (a qualidade natural das crianças é de movimentação livre, elas partem para o movimento numa sensação de presente sem terem a necessidade de prever o futuro, ou seja, o fim da sequência cinética. Isto já não acontece na adolescência nem na idade adulta, idades em que o corpo antes de se mover prevê o seu percurso e contorno finalizador). No caso de fluência controlada, há um estudo e uma precaução quanto ao início, ao trajecto e ao concluir da frase do movimento, elementos muito importantes na construção coreográfica de frases. O jogo entre estas qualidades deve ser desenvolvido para proporcionar um contacto com os aspectos impulsivos e de impacto do movimento.

2. O **TEMPO** é outro factor qualitativo essencial. Os movimentos rápidos, apressados, curtos, súbitos, assim como o movimento mais lento, prolongado e gradual, passando por toda a gama de movimentos ritmados, compassados, impulsivos, de impacto ou acento final, movimentos em acelerando ou em decrescendo de velocidade, assim como o conceito de paragem e suspensão do movimento, constituem as qualidades temporais e dinâmicas. Experiências com frases musicais, a sua pulsação, os seus acentos e padrões rítmicos, devem também ser desenvolvidas. Este factor aponta para a durabilidade do movimento não do ponto de vista quantitativo, mas qualitativo.

3. O **PESO** é outro factor energético a considerar. Trata da firmeza, da força e da leveza, da doçura e delicadeza do movimento. Este factor alerta os alunos para o uso dos seus músculos de forma consciente e subtil.

4. Neste contexto da expressão qualitativa, o **ESPAÇO**, por sua vez, indica aos alunos a possibilidade de vivenciar movimentos directos ou flexíveis e sinuosos que proporcionam um conjunto variado de formas e volumes corporais. Este factor indica não só a sua direcção mensurável, como também noções de orientabilidade, projecção do corpo e construção de formas volumétricas variadíssimas (noções de obliquidade, transversalidade, centralidade, etc).

(4) Sobre a **RELAÇÃO**

Saber estabelecer e criar sistemas de conexões. Poder-se-á fazer um percurso de ligações entre partes do corpo que se associam em diálogos “dançantes”. Ex: um cotovelo que dança com um joelho num percurso curvilíneo. Isto inicia o processo laborioso da aquisição de consciência corporal, associada às relações possíveis que existem entre os vários factores que compõem o domínio da dança, em sistema de progressiva complexidade. Será uma iniciação dos alunos no processo entusiasmante da coreografia.

Outro ex: partes do corpo relacionam-se entre si, vários alunos escolhem diferentes partes do corpo, ou mesmo acções ou intenções coreográficas e relacionam-nas entre si num jogo de pesos diferentes: um aluno dança com o seu corpo que desliza e salta em volta de outro que desempenha uma dança de relações dos seus braços e pernas com uma cadeira da sala de aula. Ambos se movimentam, ora forte ora levemente, formando um dueto de pequenas diversidades.

Outro ex. ainda: três alunos criam três curtas danças que fazem uso livre e improvisado de uma série de objectos colocados à sua disposição: um escadote, um caixote, uma luva de borracha e uma vassoura.

TIPOS DE SITUAÇÕES EDUCATIVAS

Que a escola tem de proporcionar para que os alunos atinjam os níveis de desempenho fixados:

Todas as matérias acima descritas devem ser vivenciadas pelos alunos ao longo de todo o 7º ano. Primeiro, isoladamente e sob a forma de exercícios práticos muito simples, e ao longo do percurso de aprendizagem e conforme as necessidades e capacidades de cada grupo, através do relacionamento dos elementos em jogos de aprendizagem que dão aos alunos, desde o início, a noção da relação intrínseca entre factores, ideia essencial à compreensão da Dança. Os alunos terão desta forma oportunidade de desenvolver, através destas matérias, capacidades cognitivas, sensitivas e motoras com uma força e interacção que não aparecem sob esta forma em mais nenhuma matéria curricular. As lições movimentam-se entre a oferta de informação específica sobre o movimento que o professor demonstra e os alunos seguem, e a resolução e análise posterior de simples problemas coreográficos.

Assim, será necessário que haja na escola um espaço amplo e vazio, que os alunos podem associar a um espaço de dança (estúdio) quando um dia forem ver um ensaio ou uma aula de dança, quando de visita a uma companhia profissional.

A música é um factor essencial de toda esta aprendizagem, pois uma boa selecção musical pode conduzir os alunos muito mais facilmente aos materiais e à atmosfera da dança, que como sabemos se joga no concreto do corpo com o abstracto do desenho coreográfico.

Será necessário criar desde o início uma atmosfera confortável e segura entre os alunos e o professor. A dança existe enquanto linguagem, a partir de uma exposição grande da pessoa, através do seu corpo que se move na maior parte das vezes sem o apoio de mais nada. Ter prazer em avançar para o espaço sem constrangimentos e dançar a sua dança, como quem lê uma redacção escrita em casa, é uma capacidade muito importante. Deseja-se também que seja fomentado desde logo o diálogo e a condução dos alunos a saber sintetizar e caracterizar de forma clara e simples o que foi dançado. Falar sobre o movimento, discutir ideias face à resolução dos problemas coreográficos por mais simples que sejam, é também uma das situações educativas a implementar em cada aula. Anuncia-se neste objectivo a possibilidade do desenvolvimento de um discurso sobre a dança desde tenra idade.

Saber entusiasmar os alunos pelo trabalho que está a ser feito, outro aspecto a não esquecer. A repetição e o aperfeiçoamento de pequenas frases de movimento criadas pelos alunos leva-os a estar atentos ao cuidado técnico e expressivo da dança. Assim, terão vontade de depurar o seu trabalho para no momento de observação e análise se possam orgulhar da sua interpretação. Trata-se de desenvolver desde cedo a noção de rigor na escrita coreográfica, que deve ser límpida e inteligente, como num exercício de aritmética. Os alunos saberão dizer porque inventaram determinada sequência de tal maneira, e em termos de movimento que materiais escolheram e porquê.

Será também interessante promover a visita de bailarinos com formações diversas à escola, como o visionamento de vídeos de dança, apropriados ao material que está a

ser tratado, assim como também a ida ao teatro para assistir a um espectáculo. O contacto com a dança como arte é essencial para criar referências, pontos de impacto afectivo, desenvolvimento da memória visual, experiências estéticas que as crianças alojam na sua memória de longa duração, conduzindo-as a um conhecimento directo da linguagem e da magia da dança. Preocupamo-nos aqui com a dádiva de uma primeira “cultura coreográfica”.

Será desejável também mostrar que a dança é um fenómeno que acontece no nosso país assim como pelo mundo fora. A possibilidade de lembrar a multiculturalidade da dança, através de alunos de origens diversas, presentes na sala de aula, poderá ser uma boa estratégia para pensar na dança africana, brasileira, goesa ou timorense. O recurso a fotografias e a excertos de filmes será ideal. A partir destes materiais, o professor poderá reforçar ou mesmo ensinar, elementos das matérias acima descritas. Poderá falar da força e do ritmo das danças africanas, usando música com a mesma origem, criando exercícios que levam os alunos perto desse universo qualitativo do movimento, como poderá falar da flexibilidade gestual e delicadeza das danças indianas.

Será da competência do Ministério da Educação apoiar os professores nesta alínea programática. Este deverá pôr à disposição dos professores uma bolsa de companhias, bailarinos e coreógrafos que previamente contactados, se disponibilizaram para desenvolver um trabalho de contacto directo com as escolas ao longo do ano lectivo.

As situações educativas devem assim exercitar o treino de competências físicas, os aspectos mais técnicos do movimento, bem como as competências criativas e de construção de frases e, posteriormente, de curtas sequências. Estas poderão desaguar na composição mais desenvolvida de pequenas danças que são simultaneamente interpretadas pelos seus pequenos criadores ou por colegas que as aprendem. Por fim, promovem-se actividades de análise e observação discursiva e colectiva cujo intuito é o da integração completa das três grandes propostas de aprendizagem e experimentação: interpretar, compor e apreciar, desenvolvidas neste programa.

Por último, será também importante que o professor se equipe com um conjunto de materiais de apoio sólidos que o ajudarão a colorir e a concretizar os temas de movimento abordados em cada aula. Haverá lições que abordam exclusivamente o movimento por si só, mas será também necessário criar outras lições em que os temas de movimento serão complementados por imaginários vários que alargam e aprofundam a relação que os alunos estabelecem entre movimento e significado. Exemplos deste material poderão ser uma boa colecção de pintura, fotografia, objectos, pequenas histórias com potencial coreográfico, música, etc., que oferecem contactos diversos com temas como por exemplo o mapa do corpo humano, a natureza, montanhas, plantas e animais, diferenças entre areia, terra e pedra, a geografia e os seus mapas, movimentos de rios, de terras (diferenças entre o deserto e os Alpes) as arquitecturas, as cidades do mundo, casa e abrigo de diferentes formas, tamanhos e materiais, as máquinas, o fogo e o ar, as marés, as tempestades, os vulcões, diferentes culturas e os seus costumes, tecidos, padrões, cores e texturas, objectos de trabalho, do quotidiano, de lazer. O corpo, o espaço a energia e a relação podem ser analisados à luz de todas estas ideias e outras, podendo assim os alunos verificar que uma mesma coisa pode ser analisada e vivenciada de diversas perspectivas e dimensões.

Objectivos específicos para o 8º ano

A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Com a chegada dos alunos à pré-adolescência, será conveniente criar um ensino que os lança nas suas crescentes capacidades físicas, cognitivas e sensitivas, assim como se deverá proporcionar um estudo da dança feito de um desafio intenso de relações com outras matérias curriculares, com temas do seu interesse e universo colectivo.

Esta, será também uma forma de incluir a disciplina de dança em espaços de enriquecimento curricular.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Mantendo o quadro de conteúdos do 7º ano, que corresponde a uma abordagem geral, mas também completa, do que são os elementos essenciais da dança, será desejável vivencia-los no 8º ano, de forma mais elaborada, tendo a preocupação de estabelecer permanentes relações entre materiais de dança que equacionam dois e três dos seus aspectos em simultâneo. Assim, será possível criar lições que abordam simultaneamente um ou vários aspectos das capacidades do **CORPO** com o aspecto **ESPAÇO**. Por exemplo: tendo como pano de fundo um universo de ficção científica, um conjunto de formas, viagens e sistemas de funcionamento de uma nave espacial poderá ser estudado e reinventado coreograficamente.

Nesta faixa etária é importante desviar a atenção dos alunos do preconceito infelizmente generalizado de que a dança é uma arte do feminino. Quanto mais conseguirmos levar os alunos à experiência da dança sem que estes se coloquem esta questão, melhor. Uma possível solução é a utilização de temas arrojados, que vêm doutros universos do conhecimento, como a ciência, a história, a geografia, a matemática, a geometria, o cinema, a banda desenhada, etc. Esta estratégia “transversal” de ensino, leva os alunos a viver e a criar movimento entusiasticamente, sem estar em evidência a prática da dança de forma directa e exclusiva, o que nesta fase poderá causar reacções inibitórias. Daí, no 8º ano, as colaborações com outras matérias sejam especialmente proveitosas. O professor de dança poderá combinar com professores de outras disciplinas, nomeadamente o professor de geometria, (para dar um exemplo muito concreto) em que determinados aspectos curriculares desta disciplina poderão ser revistos ou até previstos na aula de dança, como o ponto, a linha e o plano, utilizando uma outra visualização no espaço, que abandona o lápis e o papel e que passa a utilizar o corpo e o espaço no desenho coreográfico de figuras e volumes geométricos. Um vasto conjunto de matérias desta disciplina pode ser equiparado a toda a teoria analítica criada por Laban que propõe uma visão

coreográfica da organização universal do espaço. Esta matéria intitula-se “Harmonia no Espaço” e está amplamente documentada.

Este exemplo serve de ponto de partida a outras articulações curriculares que se poderão facilmente encontrar entre a dança e as outras matérias do currículo: Língua Portuguesa, História e Geografia, Matemática, Ciências da Natureza, Educação Musical, Educação Física, Desenvolvimento Pessoal e Social, E.V.T. e Francês ou Inglês.

NÍVEIS DE DESEMPENHO

No final do 8º ano os alunos deverão ser capazes de:

Demonstrar conhecimento e controlo das matérias descritas nos conteúdos de dança do 7º ano, através da mestria interpretativa, criativa e de composição dos mesmos (em sistemas de correlação acima descritos) e confirmar a sua aptidão para desenvolver futuramente contacto com técnicas de dança propriamente ditas (que serão apresentadas durante o 9º ano), assim como, modos pessoais de elaborar um discurso concreto sobre o movimento, as suas qualidades e potencialidades de comunicação. Os alunos deverão saber falar do tipo de movimento envolvido nas suas curtas criações coreográficas (através de um vocabulário que se lhes tornou familiar) assim como apreciar a sua eficácia expressiva e artística. Saber o que está bem e mal feito, o que comunica sensações, ideias, conteúdos concretos de movimento, atmosferas e o que não o faz. É importante que se lhes torne claro, que o movimento na dança é diferente do movimento funcional do quotidiano e do movimento gímico. É movimento acrescentado de qualquer coisa, uma “poética”. Pretende-se, assim, levar os alunos a saber “conversar” sobre o movimento, analisando-o nas suas componentes **CORPORAIS**, de **ESPAÇO**, de **ENERGIA** e de **RELAÇÃO** e poder contribuir com ideias próprias sobre o que este sugere. Preocupa-nos a construção de uma primeira capacidade crítica cultural. É importante que os alunos tenham as suas opiniões sobre o interior e a matéria do movimento, que o saibam defender e criticar.

Para isto, é necessário trazer para a aula uma verdadeira atmosfera de dança, uma rotina de aquecimento técnico do corpo, de construção de frases, sequências curtas de movimento que, inundadas de música, são sistematicamente analisadas pelos alunos com a ajuda do professor. Analisar também pequenos filmes de dança que contêm conteúdos similares àqueles que os alunos estão a manipular com os seus corpos e os dos colegas, pode ajudar.

Há em todo este processo educativo a presença de uma auto-avaliação, que é feita com a ajuda dos colegas e do professor, que possibilita a objectivação da *performance* de materiais muitas vezes criados e interpretados a partir de situações mais subjectivas, como o gosto, a inclinação pessoal para um determinado tipo de movimentação que se tende a repetir. Este jogo entre fazer, olhar e aprender mais, está assente no diálogo permanente. O professor terá de estar muito atento e ser tão cuidadoso como participativo. Deverá ter a sensibilidade de saber ensinar desde cedo

aos seus alunos o que é uma verdadeira crítica: que não se trata de atacar aspectos pessoais, mas de saber ver os materiais de uma dança construídos por A, B ou C, que terão sempre um valor em si mesmos, mas que acima de tudo são materiais privilegiados de estudo e aprendizagem da linguagem em estudo, a dança.

TIPOS DE SITUAÇÕES EDUCATIVAS

Que a escola tem de proporcionar para que os alunos atinjam os níveis de desempenho fixados:

Através de exercícios criados para treinar a prática da dança nas suas várias componentes (**INTERPRETAR, COMPOR e APRECIAR**) será necessário oferecer aos alunos no ambiente da sala de dança (espaço amplo e vazio, idealmente um estúdio ou ginásio, podendo também ser a sala de aula esvaziada de cadeiras e mesas) o seguinte conjunto de oportunidades:

Imaginar, investigar, explorar, improvisar, desenvolver vocabulário a partir de um só movimento, bem como aumentá-lo, diminuí-lo, distorcê-lo, torná-lo cómico, sério, repeti-lo em velocidades e modos vários, invertê-lo, etc., resolver pequenos problemas coreográficos como, por exemplo, estruturar no espaço uma frase que contenha um movimento de rastejar, associado a uma transferência de peso que leva o corpo a sentar-se para, em forma de torção corporal, subir, saltar e correr, desaparecendo na profundidade da sala; ou então imaginar e improvisar o acordar e o levantar voo de uma ave estranha que tem características humanas misturadas com as de um pássaro grande e leve. Saber lidar com material de movimento novo, adaptar-se a ele e integrá-lo no vocabulário já adquirido, saber transformá-lo de um solo para um pequeno grupo, saber copiar e tomar decisões para alterar um movimento noutra que lhe é complementar ou contrastante. Só e ou com os colegas, saber seleccionar movimento, repeti-lo e aperfeiçoá-lo. Saber desenvolver a qualidade de quietude ou de suspensão na sua relação com o movimento.

Objectivos específicos para o 9º ano

UMA CULTURA DE DANÇA

Uma vez tendo tido acesso a uma vivência experiencial prolongada do que envolve o acto de dançar e a que “mundo” mais ou menos a sua prática pertence, iremos utilizar essa “familiaridade” e conhecimento para aproximar os alunos do 9º ano, daquilo que é o seu universo artístico propriamente dito. Através de um contacto com os verdadeiros “fazedores” de dança, os artistas, os alunos poderão mergulhar no que a prática artística implica e o que está por detrás do seu fazer que é, de certo modo, também a sua história, a História da Dança.

Para além do contacto regular com o seu professor de dança, será importante empreender o acesso directo dos alunos a um conjunto de lições ou encontros com bailarinos, coreógrafos e especialistas vários. Um programa de visitas de artistas à escola, assim como a saída dos alunos para conhecer a realidade da dança na sua verdadeira dimensão, será crucial para satisfazer estes objectivos.

Esta fase de aprendizagem, pode também constituir-se como uma oportunidade importante pré-vocacional, para além de completar todo um ciclo de potencialização dos elementos chave que compõem este domínio artístico realizado nos 7º e 8º anos, no interior da sala de aula e que são como se enunciou no início destas orientações curriculares: a promoção e a compreensão da dança enquanto forma de arte, o desenvolvimento de experiências e capacidades nas áreas da interpretação e da composição, assim como o desenvolvimento de capacidades de análise e apreciação da dança através da observação e discussão de materiais coreográficos dentro e fora da escola.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Tendo por base todas as matérias de um conhecimento adquirido no quadro de conteúdos dos 7º ano e que foi consolidado e desenvolvido durante o 8º ano, pretende-se agora que os alunos estejam aptos a contactar com técnicas de dança várias (uma selecção, de duas a quatro, deverá ser feita ao longo do ano, conforme o grupo de alunos e as suas características, assim como o tipo de professores de técnica disponíveis). Como sabemos, as técnicas de dança foram criadas para servir ideias de dança, isto é, a técnica é um meio que os criadores utilizam para comunicar criativamente. O ensino, mesmo que só a nível de iniciação e em regime temporário de algumas técnicas, que podem ser tão divergentes como o ballet, ou o rap, ou mesmo as visões de preparação do corpo de alguns coreógrafos portugueses, que são visões sobre a Dança Contemporânea, oferecem aos alunos uma oportunidade excepcional para fazer convergir tudo o que de essencial e particular a dança contém:

Um certo modo de trabalhar o **CORPO**, leva a um certo modo de pensar o **CORPO** e a um certo modo de comunicar ideias sobre o **CORPO** e o mundo. Estes modos serão ingredientes, que caracterizam e tornam únicos a sua obra coreográfica. São modos por vezes só estéticos, por vezes filosóficos, por vezes políticos também.

Tomemos a técnica de dança clássica como exemplo: mesmo que os alunos aprendessem só o que são as cinco posições chave, a forma dos braços se articularem com o corpo, o que é um plié, um arabesque e uma promenade, e olhassem para um par de sapatilhas de pontas, compreenderiam de imediato a relação que no séc. XIX os coreógrafos tinham com o **CORPO**: queriam transformá-lo em algo que fugia por completo da sua naturalidade, queriam doar-lhe tais artifícios para que este se tornasse num corpo sobrenatural, capaz de desempenhar uma fisicalidade que nenhum mortal poderia imaginar concretizar. As fábulas, os sonhos e a hipótese de voo que a bailarina romântica propõe quando vemos “La Sylphide” ou outro dos grandes ballets de referência desta época, levam-nos ao conceito do início da Dança Teatral no ocidente, que contém o ideal romântico, a ideia de tocar o impossível, o inatingível e que já pouco tem a ver com a visão que temos hoje de Dança. Actualmente, o corpo do bailarino, apesar de virtuoso, é um corpo humano capaz de se espelhar nas realidades da existência humana, como é o caso de toda a dança com origem expressionista à qual chamamos habitualmente de Teatro / Dança.

Um segundo exemplo muito diferente: outro universo coreográfico, sempre inundado e indissociável da música, que se prende com outro género artístico dentro do grande “mar” que abraça a Dança, é o Rap, uma forma coreográfica social e popular e espectacular, com componentes políticas fortes, criada inicialmente por grupos de jovens emigrantes nos E.U A. e hoje estendida por todo o planeta. É uma dança de rua em que essencialmente rapazes dançam e “cantam” as suas histórias de vida assim como as suas posições críticas face à sociedade. Existem muitos rappers em Portugal, sobretudo de origem africana. A dança é ritmada e é preciso inventar a letra que lhe dá o ritmo e a forma. Este tipo de universo entusiasma os jovens e é uma porta interessante de entrada para o conhecimento de outras técnicas corporais que possam à partida estar um pouco mais longe dos seus interesses mais directos, (como é o caso do Ballet). O ensino da dança nesta faixa etária, para ser bem sucedido, tem de ser

feito com algumas estratégias de “sedução” e de encaminhamento do professor na direcção dos seus alunos.

A pretexto do ensino ou abordagem de algumas técnicas, podemos assim aproximar os alunos de uma História da Dança que ganha por este meio, um sentido que não é só livresco. Através da aquisição deste tipo de conhecimentos, os alunos não só são levados a construir um discurso sobre a dança, que nesta fase pode já ter uma formulação escrita (trabalhos que os alunos preparam isoladamente ou em grupo), como adquirem materiais muito interessantes para a composição das suas danças. Oferecemo-lhes também a possibilidade de construir um olhar mais informado sobre espectáculos de dança que possam ir ver com a escola ou fora dela.

Estes alunos poderão ser o público jovem de dança que se torna essencial desenvolver e que irá dinamizar, apoiar, a produção coreográfica e a sua valorização.

NÍVEIS DE DESEMPENHO

No final do 9º ano, os alunos devem ser capazes de:

- Decifrar e reconhecer a trajetória principal de uma História da Dança que se pretende seja transmitida numa relação próxima com os aspectos práticos da aprendizagem neste ano, ou seja as lições de técnica e de composição.

Conteúdos possíveis para esta trajetória: A dança como uma necessidade vital do ser humano, o seu expoente e poder de comunicação. Formas comunais ou “primitivas”, a dança, enquanto fenómeno social, etnográfico e teatral através dos tempos e das culturas. Formas de dança contemporânea no país e no mundo.

- Saber apreciar e analisar um conjunto de obras coreográficas relacionadas com o estudo histórico da dança e com as suas formas mais actualizadas, em que a partir da leitura ou do contacto com explicações de coreógrafos sobre o seu trabalho, textos de críticos sobre aspectos e trabalhos vários e conversas conjuntas entre professor e alunos, poderão aprofundar a sua compreensão, perceber, reconhecer e discriminar aspectos, que ajudarão as suas capacidades interpretativas e de composição.

- Disponibilizar-se para aprender vocabulários e técnicas corporais que colocam novas questões sobre o corpo (com o apoio de alguns artistas convidados) e descobrir a articulação dessas matérias com modos de compor e criar sequências de dança.

- Saber combinar materiais de dança com ideias, conteúdos e temas vindos de outros domínios do conhecimento e do pensamento criativo.

- Criar um espectáculo de dança na escola, experiência aglutinadora de toda uma aprendizagem prévia, como momento catalisador de atenções dentro e fora da escola. Este empreendimento entre professor e alunos (com o auxílio de um coreógrafo convidado) conclui um conjunto de propósitos pedagógicos e artísticos importantes:

1. Como se cria, constrói e produz um espectáculo de dança do ponto de vista artístico: o que se quer dizer, que forma tem, que conteúdos, que ideia há, quem cria e compõe e como. Depois, quem interpreta e como interpreta. Esta será sobretudo uma experiência forte para os alunos, na área da interpretação.

Será um trabalho de aperfeiçoamento de componentes e capacidades como a clareza, a intenção, a forma, o estilo do movimento, assim como a sua estrutura (as diferentes partes e o todo da peça) . A intensidade da interpretação – o seu tempo, geralmente nestes casos, curto e denso. Saber entrar e sair de cena. Estar confortável e familiarizado com o espaço, com objectos, com o que se veste mas sobretudo com os outros colegas com quem se dança, a sensibilidade e atenção entre corpos, pensar em si como membro de um grupo em que todos os elementos são importantes. A essência da interpretação é a maneira como uma ideia ou imagem mental ganha uma objectividade real. É sobre a energia visível de uma ideia coreográfica, que se deve iluminar. A interpretação é uma espécie de tradução. Não há duas interpretações iguais de um mesmo traçado. Cada aluno traz qualquer coisa de seu, de especial.

Interpretar e fazer a dança ganhar uma vida própria. Proporcionar isto aos alunos é muito importante.

2. Como se cria e constrói um espectáculo do ponto de vista técnico e de produção e quais os elementos que é preciso saber incluir e articular: o espaço cénico, como é, como se inventa, a luz (velas, candeeiros, projectores profissionais, estudos de luz solar), o som (música gravada, música ao vivo, instrumental, canto), o cenário (objectos do quotidiano, objectos esculpidos expressamente, pintura de telas, utilização do espaço na sua história de envelhecimento), os figurinos, os acessórios, o espaço do público como se organiza. Os ensaios. A divulgação, os posters, os programas, os convites, os bilhetes.

Com o apoio de um coreógrafo com sensibilidade para trabalhar com jovens, é possível promover uma experiência artística com qualidade no ambiente informal da escola. Será um momento de reconhecimento e visibilidade desta disciplina no meio escolar e que os alunos sedimentarão na sua memória.

TIPOS DE SITUAÇÕES EDUCATIVAS

Que a escola tem de proporcionar para que os alunos atinjam os níveis de desempenho fixados:

Será necessário que neste 9º ano se possa proporcionar aos alunos um contacto directo com vários elementos do interior da comunidade da dança. Será desejável que os alunos usufruam de um conjunto de lições, que deverão ser um terço do total do tempo horário deste ano, com lições de técnica, de composição e de apreciação ministrados por bailarinos, coreógrafos e analistas de dança. Também será importante que possam ver um espectáculo de dança por trimestre.

A escola deverá proporcionar uma boa selecção de vídeo/filmes de dança que poderão ser vistos no contexto da sala de aula, assim como uma pequena mas estimulante biblioteca de dança.

O professor encarregue deverá também ele ter conhecimentos teóricos assim como interpretativos e de composição que ajudam os alunos a preparar-se e a entusiasmar-se por este contacto mais denso e elaborado com a matéria da dança e os seus protagonistas.

Portugal tem já uma produção e actividade coreográfica consideráveis. Não deverá ser muito difícil com o apoio do Ministério da Educação encontrar as condições para satisfazer estes objectivos.

A AULA DE DANÇA

Eis um modelo para a estrutura de cada aula de Dança:

Existem diversas maneiras de preparar e apresentar materiais de dança aos alunos. Esta proposta, baseia-se no princípio de que cada aula deve passar por um jogo de actividades que se equilibram entre os seguintes aspectos:

- Actividade e relaxação
- Exploração, selecção e aperfeiçoamento
- Participação e observação

Formato de uma aula

1. Explicação clara dos objectivos do movimento (tema e vocabulário de movimento a explorar).
2. Introdução prática ao tema através de um aquecimento. Este é um momento de concentração e aprendizagem de conceitos e exercícios práticos (vocabulário de movimento relacionado com o tema da aula, que se constitui como um instrumento ampliador das possibilidades de criação e investigação de movimentos pessoais, por parte dos alunos).
3. Exploração e desenvolvimento de materiais de movimento contidos no tema e criados pelos alunos, com base na improvisação e composição.
4. Observação, apreciação e avaliação conjunta das frases ou curtas sequências criadas pelos alunos.
5. Relaxação (?)

Nota: É aconselhável a utilização de música apropriada, assim como quaisquer outros materiais de apoio, considerados úteis para a aproximação ao tema (imagens, palavras, uma pequena história, recortes de jornal, fotografias, objectos, etc.)

A cada aula deve sempre subjazer uma ideia de descoberta e exploração efectivas, em relação ao universo da dança.

BIBLIOGRAFIA

Haselbach, Barbara, “Dance Education – Basic Principles and Models for Nursery and Primary School” Schott and Co.Ltd. London ,1978.

Joyce, Mary, “First Steps in Teaching Creative Dance” Mayfield Publishing Co. California, USA, 1973.

Hanna, Judith Lynne, “To Dance is Human – A Theory of Nonverbal Communication” University of Texas Press, Austin and London, 1979.

Gough, Marion, “Knowing Dance – A Guide for Creative Teaching” Dance Books, Cecil Court, London, 1999.

Gough, Marion, “In Touch with Dance” Whitehorn Books, Lancaster; UK, 1993.

Fundação Calouste Gulbenkian, “The Arts in Schools – Principles, Practice and Provision”, 1982.

Fundação Calouste Gulbenkian, “Dance, Education and Training in Britain”, 1980.

The NCC Arts in Schools Project, Director Ken Robinson “The Arts 5 – 16 – A Curriculum Framework, Oliver and Boyd, UK, 1993.

Autora:
Madalena Victorino